



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Qual é, afinal, o efeito trágico?
Autor	CAROLINA PIRES ZINGANO
Orientador	RAPHAEL ZILLIG

Título: Qual é, afinal, o efeito trágico?

Autor: Carolina Pires Zingano

Orientador: Raphael Zillig

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Introdução:

Na passagem 1449b24-30, encontramos a única menção à *katharsis* na Poética; não à toa, é um trecho de extrema importância. Neste trecho, Aristóteles define a tragédia como sendo (i) uma obra mimética que representa ações humanas, (ii) de certa extensão, (iii) expressa pela forma da linguagem dramaticamente, (iv) gerando a *katharsis* das emoções de pena e medo. Os itens (i), (ii) e (iii) exigem certa explicação, mas encontramos na *Poética* explicações mais detalhadas de Aristóteles. O item (iv) já não conta com o mesmo recurso, o que dificulta a compreensão do leitor. Para compreender o que é a *katharsis* para Aristóteles, recorri às obras da Poética, Ética Nicomaqueia, Política, Retórica e aos comentários de especialistas.

Metodologia:

Como fora desde o primeiro ano de pesquisa com o Prof. Raphael Zillig, recomendava-se um texto, eu lia o texto e posteriormente discutíamos o texto. A partir de tais discussões, eu escrevi textos, que também eram comentados em reuniões.

Apresentação de Resultados:

Para compreendermos a *katharsis*, devemos entender o que Aristóteles entende pelas emoções de pena e medo, e mais ainda: qual o papel que as emoções desempenham neste processo. Trazem prazer (a) meramente emocional ou (b) cognitivo, quando sentimos emoções que são estão relacionadas à cognição (auxiliando – função catalisadora – ou acompanhada dela). Além disso, são motivadas por vias (a') não-racional e (b') racional. Essas facetas que distingi aqui andam de modo geral juntas (a com a' e b com b'), mas achei importante destacá-las a fins de deixar claro a sua causa e as suas consequências e porque emoções geradas racionalmente geram tanto prazer intelectual quanto o que chamei de meramente emocional.

Também se pode notar que as emoções trágicas de pena (A) e medo (B) são assimétricas de tal forma que B se segue de A, mas não o inverso. Percebe-se isso porque está subentendido na noção de pena a sensação de medo por si mesmo ou por alguém que lhe é caro. E se é assim, sabemos que ter pena de alguém por ter sofrido algum mal significa ter capacidade de temer pelos outros ou, em outras palavras, “an imaginative fear of ourselves” (HALLIWELL, 1998)

Esta relação entre pena e medo está no cerne da compreensão da catarse e é, inclusive, a âncora da tese cognitivista que apresentei no ano passado: a tese da fragilidade das ações. O fato de se sentir pena e medo *por* e *através* do personagem (isto é, como se estivesse no seu lugar) – que é possível porque a peça trágica versa sobre o *universal* –, já indica que o personagem e o *eu* que todos nós vemos nele é um *eu representativo*. Isto é, percebe-se que há algo que todos nós podemos sofrer. Caso o espectador seja mais sofisticado, pode-se ainda perceber mais: isto é um ponto cego da ação e é por isso que todos nós temos esta fragilidade.